



Cinema

Ano 1º

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa: — Elissa Landi, principal intérprete do filme "De Corpo e Alma".

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS

Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

Triunfos inesperados e esperanças que falham

por J. B. VALERO

Para todos os que pela primeira vez conseguem visitar os estúdios de Hollywood, constitui grande surpresa o facto de os artistas mais indiscutíveis e famosos tratarem com amável camaradagem todos quantos os rodeiam nas tarefas cinematográficas, não havendo grandes distinções entre o director genial e poderoso, por exemplo, e o humilde aprendiz de electricista.

Um camarada a quem não só causou surpresa mas também inspirou curiosidade aquele facto, realmente extraordinário em gente que, como os famosos astros do *écran*, tantos motivos teem para se deixar arrastar pela vaidade, falou disso a um dos magnates do cinema e ouviu dele esta resposta:

— E quem lhe diz ao senhor que este humilde empregado, que hoje recebe e cumpre ordens de todos, não ha-de ser amanhã um grande director ou um empresário poderoso? Por outras palavras, quem lhe diz que a inimizade e o rancor dum modesto electricista não poderão ser-nos prejudiciais amanhã?

— Sim, na verdade... Mas esses casos devem ser raros!

— Raros ou não, basta que alguma vez ocorram. Lembro-me de que no escritório de Carl Laemmle trabalhava, como secretário, um rapaz muito servicial e tímido. Pois fiquei sabendo que esse pobre moço é hoje Irving G. Thalberg, o grande produtor dos estúdios da «Metro». Não lhe parece que se algum artista, por grande que seja, houver tratado com excessiva arrogância o secretário de Laemmle, deve estar agora arrependido?

— Com certeza.

— Outro caso. Bosworth, o famoso produtor que, ha aproximadamente vinte anos, deu o seu nome à empresa «Bosworth, Inc.», ramo originário da actual «Paramount», tinha ao serviço uma taquígrafa chamada Frances Marion,

que recebia um pequeno ordenado. Hoje, aquela taquígrafa anónima é uma das escritoras de argumentos mais solicitadas em cinema. Pertencia também à «Bosworth, Inc.» Um modesto fotógrafo cujo nome ninguém conhecia, mas que se chamava George Hill. Hoje este fotógrafo, que então recebia vinte e cinco dólares por semana, é um dos melhores directores dos nossos estúdios. E é ainda mais notável o caso de Sidney Franklin, ajudante de fotógrafo com George Hill, recebendo nove dólares por semana, e que ha pouco dirigiu «Private lives», um dos mais brilhantes triunfos de Norma Shearer. E que me diz do caso de Charles Farrell que, ao filmarem-se «Os Dez Mandamentos», era o encarregado de dar os sinais, com uma corneta, para as fotografias a distância? E de Dorothy Azner, mecanógrafa dos antigos estúdios Lasky e hoje directora na casa «Paramount» e única directora feminina de Hollywood? Emfim, se continuasse a citar casos, nunca mais acabaria. Mas julgo que bastam estes para que fique percebendo a razão por que, nos estúdios, todos somos afáveis uns com os outros.

O jornalista ficou convencido. E não estranhou, depois disso, que Norma Shearer, por exemplo, correspondesse amavelmente à saudação dum simples «extra».

Mas quere isto dizer que seja fácil a ascensão aos cumes do poder e da fama no mundo cinematográfico? Nada disso. Ao lado desses casos de elevação, ha outros de descida e de fracasso que devem desalucinar quem quer que pense em tornar-se émulo de Charles Chaplin, de Greta Garbo ou da Ernest Lubitsch.

Um dia Norma Shearer, durante um descanso nos «estúdios», ouviu uma voz masculina que cantava com sonoridade e arte extraordinárias. Procurou o cantor, cheia de curiosidade, e qual não foi a sua surpresa ao observar que se tratava dum

modesto electricista! Respondendo às perguntas da «estrêla» o cantor contou-lhe uma história triste! Havia estudado canto durante longos anos. O cinema sonoro atraí-o a Hollywood, com a esperança de abrir caminho como artista. Mas todos os seu esforços fracassaram e por fim teve de aceitar aquele cargo de electricista para não morrer de fome. Esperanças? Poucas me restavam já, depois de tantos e tam contínuos fracassos.

Joan Crawford descobriu um grande pianista, um rapaz que usava o uniforme da ordenança à chegada dos artistas aos «estúdios». Como tinha de aparecer mais cedo, a ordenança aproveitava o tempo em que estava só para se consagrar ao que constituía a maior paixão da sua vida: a música. Também Crawford mostrou o seu assombro em face da ordenança com alma de artista, e este explicou-lhe que fôra a Hollywood com a esperança de conquistar um lugar nas orquestras que tocam no microfónio, mas que, depois de muitas lutas e desgostos, tivera que aproveitar-se daquele emprêgo, que fôra para êle uma tábua de salvação.

Greta Garbo conta igualmente um caso semelhante. No guarda-roupa dos «estúdios» descobriu uma costureira, que desenhava admiravelmente retratos. Era uma discípula dum famoso pintor europeu, a qual se instalara em Hollywood com a esperança de obter encomendas das «estrêlas» do cine. Mas, após alguns meses de luta inútil, e esgotados os seus recursos, teve que aceitar o lugar de costureira.

Estes casos são muito numerosos em Hollywood. Dentro e fóra dos recintos cinematográficos, encontra o viajante môços de bar, criados, carpinteiros e até engraxadores que foram ao império do cinema com a mente e o coração cheios de sonhos, e que tropeçaram com a dura realidade antes de dar um único passo na subida para o cume.



Uma cena do filme "De Corpo e Alma", interessante produção da "Fox" que o publico do Porto vai vêr.

O Cantinho dum Cinéfilo

Reuniram-se ha dias os representantes de 3.900 cinemas independentes de França, para protestar junto do seu govêrno contra a proposta apresentada pelos produtores, no sentido de ser limitada mais ainda a entrada dos filmes americanos em França. Entregaram ao ministro das Belas-Artes uma representação, na qual afirmam :

«A Federação do Cinema Francês, o Sindicato Francês dos Proprietários de Cinema, a Federação Geral dos Proprietários de Cinema nas Províncias e o Sindicato Nacional dos Exploradores de Cinema, representando 3.900, num total de 4.054 cinemas independentes em França, em reunião especial, depois de terem estudado atentamente a nova quota de filmes, proposta adoptada pelo Conselho Superior de Cinema, declaram unanimemente que a aplicação de tal quota reguladora ameaçaria a independência e possivelmente a existência do ramo de exhibição da indústria do filme, que é a base essencial de tal indústria. Chamam a atenção para o facto de, sem nenhuma espécie de pressão junto de êles, terem sempre dado preferência aos filmes falados franceses, muito embora o seu preço seja frequentes vezes excessivo.

«Lavram o seu protesto contra qualquer medida restritiva ou qualquer sistema de privilégio, estabelecido para o benefício único de algumas individualidades interessadas.

«Resolvem defender com toda a sua energia os interesses vitais dos proprietários de cinema, mais uma vez sacrificados, e pedir ao govêrno para suspender imediatamente qualquer proposta de quota, assegurando assim aos proprietários franceses de cinema o prosseguimento, sem obstaculos, da sua profissão.»

■ ■ ■

Eu estou ao lado dos exhibidores franceses. Está provado que as leis de contingente pouco ou nada adiantam em benefício geral dos países que as adoptam. Beneficiam apenas meia dúzia de industriais produtores e de artistas nacionais, em prejuizo dos distribuidores e dos exhibidores, que são mais de quatro mil, em França.

E observe-se o que tem progredido a França, em matéria de produção fílmica, de ha alguns anos para cá, depois que pôs em execução a lei de contingente, tantas vezes modificada, re-

gulando a entrada dos filmes estrangeiros. Tiremos dos produtores de França a «Tobis», que é sucursal duma casa alemã e a «Paramount», que é sucursal duma casa americana, e vejamos, com olhos de vêr, o que tem feito de bom, de aproveitável, os «beneficiados» «Osso», «Pathé-Natan», «Braunberge-Richébé», «G. B. F. A.», «Jacques Haik»...

■ ■ ■

O público é quem manda. A sua vontade é soberana. Querer impôr-lhe, à sombra de discursos patrioteiros — de que êle *s'en fiche*, quando vê os seus interesses prejudicados — produtos inferiores, só porque são nacionais, parece-me tollice de grande monta, de resultados contra-productentes.

Privar o espectador de vêr artistas que admira, de apreciar filmes que lhe agradam, só porque tais filmes são americanos, chineses ou italianos, só porque não são filmes nacionais, é expulsar o público dos cinemas, é agravar a crise mais ainda.

A imprensa chauvinista francesa tem recebido um tanto friamente alguns filmes americanos da «Paramount»; os pseudo patriotas, no dia da estreia de «Marrocos» («Coeurs Brulés») patearam o filme e gritaram pelo reembolso dos bilhetes; «O Tenente Sedutor» foi recebido com muitas reticências, por alguns jornais franceses. E, no entanto, o público que vai ao cinema, que sustenta os cinemas, que mantém a indústria cinematográfica, à custa de quem todos vivem, êsse, não deixou de permitir que aqueles filmes se mantivessem em exhibição durante várias semanas, prestando-lhes o apreço de que os julgou merecedores.

Que se proteja a indústria nacional — é justo, é lícito, é natural e, até, necessário.

Mas ha que estudar os meios de o fazer, sem violencias, suavemente, ha, sobretudo, que procurar que essa protecção não prejudique os interesses gerais do público, sobre os quais assentam os de toda a indústria.

Nada de limitações ou contingentes.

O público quer Beatriz Costa — demos-lhe Beatriz Costa. Mas se êle também grita pela Marlene, temos tambem que lhe dar Marlene.

Homens na sua vida



Lupe Velez, antes de entrar em cena, recebe os últimos retoques de maquiagem

“Homens na sua vida” assim se intitula a nova fita sonora da travessa Lupe Velez. Ao vêr o título que encabeça o presente artigo, imaginaram certamente os leitores que aludíamos aos homens que Lupe havia amado. Gary Cooper, a quem ela mordida as orelhas em público sempre que lhe apetecia... Warner Baxter, do qual se encaprichou durante dois dias e que gritava sempre pelo «Flit» quando a via aproximar-se... Laurence Tibbett, que fez envergonhar quando abalxou as ombreiras do vestido para lhe mostrar que a sua pele não era tão escura nos sítios resguardados do sol... Sentiu amor pela primeira vez por Clark Gable pela simples razão de que Clark é o homem do dia e Lupe não desgosta da publicidade. Mas êle nem se dignou olhar para ela, assustado sem dúvida pela fama de Lupe, que, em vingança, berrou aos quatro ventos que Clark não valia dez reis: «Puf! Tem umas orelhas de elefante!...» foi a frase que a sua perversidade ditou... Agora divide o seu tempo entre John Gilbert e o seu compatriota Ramon Novarro, e não cremos necessário juntar que mais de quatro vezes os fez sorrir com as suas brejeirices...

Mas a nossa intenção não era falar destes homens, mas sobre Lupe e o seu presente no cinema e fóra dêle.

«Homens na sua vida» foi feito em inglês por Lois Moran antes de vir para Nova-York para cumprir um contrato teatral que havia firmado semanas antes e agora Lupe faz o mesmo ao terminar a versão espanhola da mesma película. Luis Alonso, Ramon Pereda, Raul Ellis são os seus companheiros de penas, de fadigas e de triunfos.

Lupe também se encontra em Nova-York e com o mesmo fim de Lois Moran. Enquanto esta triunfa diariamente numa revista musical, Lupe causa o assombro geral com as suas grotescas e graciosas imitações de Marlene Dietrich, Greta Garbo, Gloria Swanson, Lilyan Tashman e Clara Bow no teatro de Ziegfeld, onde trabalha com outras belezas para fazer esquecer às gentes os difíceis momentos que atravessamos.

«Hot-Cha» se chama a nova revista do magno promotor de beldades e nela, junto com Lupe, triunfa o simpático Charles Buddy Rogers, que, além de cantar e bailar, toca dez ou doze instrumentos musicais com mestria poucas vezes

igualada já que não superada. O assunto, ou melhor, o pouco assunto que há na revista tem como local a cidade do México.

Entre as formosuras que tomam parte na revista figuram June Knight, a prometida oficial de Jimmie Dunn, que triunfa actualmente em películas estilo Janet Gaynor-Charles Farrell com a esposa de Hoot Gibson, Sally Eilers.

O que sucederá quando voltar para junto de Gary Cooper?...

Um anúncio e uma notícia

por ALFREDO MIRALLES

As páginas de anúncios de qualquer diário costumam às vezes oferecer-nos campo vasto para distrair os nossos olhos. São uma espécie de expoente da psicologia das multidões. Poisando a vista nelas, convencemo-nos, entre outras coisas, de quanto a humanidade deve continuar a ser ingénua, a julgar pela contumácia com que ali se lhe oferecem escudos a centavos.

Salvo pequenas diferenças de sintaxe, todos os avisos são iguais: a agência de matrimónios que oferece proporções capazes de satisfazer todas as exigências, desde o príncipe russo que vende a sua linhagem à nova rica disposta a trocar o ouro por um braço que sirva de ornamento ao reposteiro que ha-de collocar no hall; as filantrópicas propostas de magos e astrólogos internacionais que, em troca duma quantia módica em selos do correio «para despesas da resposta», descobrem ao solicitante a sua ciência misteriosa para que êle consiga ser loucamente amado ou venha a obter, em virtude dum irresistível poder sugestivo, tudo aquilo que empreenda; o tratamento maravilhoso para fazer crescer o cabelo, inventado quasi sempre por um químico calvo, *malgré lui*; a agência de colocações onde, para conseguir emprego, basta depositar uns escudos que nunca mais se tornam a ver.

A vulgaridade começa a prejudicar a eficácia e vão-se buscando, por isso, novas orientações nesta arte do anúncio.

Hoje, depois de passar a vista por uns tantos em que se oferecem andares desocupados, costureiras a domicílios, gabinetes secretos, protectores desinteressados ou folhetos explicando a prática de «gozos inefáveis» — textual —, chamou-me a atenção um, se não pela sua originalidade, ao menos pela sua incongruência. «Precisa-se duma taquimenógrafa; inutil apresentar-se sem domínio perfeito da cinematografia.»

Em primeiro lugar, parece ociosa a advertência, pois julgo não me enganar afirmando que noventa por cento das raparigas sente hoje predilecção pela sétima arte. Além disso, para empunhar um lapis, traçar umas garatujas duma máquina de escrever, é de supor que não seja necessário saber quantos fotogramas contem um metro de fita impressionada ou quantas vezes eleva o peito Lupe Velez numa cena de ciúmes ou de trasbordamento passional.

No entanto, dada a afecção que o cinema desperta na juventude, é sabido que o número de solicitantes ao lugar deve ter sido enorme. Ha muitas cabecinhas sonhadoras a que se deve ter prendido logo a trança da ilusão, e quem sabe se com motivo justificado. Todos os caminhos vão dar a Roma e mais possibilidades tem de ser toureiro quem foi criado na campina, do que aquele que encerra a sua actividade entre as paredes dum laboratório de química. Os êxitos na vida dependem geralmente dum factor que se chama a oportunidade, mas é negavel que a oportunidade tem estrita relação com o ambiente que sal ao seu encontro e às vezes precipita a sua chegada.

É frequente o caso de haver hoje um actor que foi ordenança do director, cenógrafo nos «estudios» ou simplesmente extra.

Pelo que diz respeito às mulheres, é conveniente notar que, se o teatro facilitou a muitas o acesso ao cinema, tambem a máquina de escrever ou o «block» de notas foram trampolim eficaz para algumas raparigas que hoje ocupam posições destacantes no cinematógrafo.

Alice Terry, Patricia Avery, Edwina Booth, a ruiva heroína de «Trader Horn», desempenhavam lugares de mecanógrafas em diversas empresas produtoras americanas quando alguém descobriu nelas condições artisticas que as elevaram ao pináculo da notoriedade desde o meio incognito em que a sua profissão anterior as mantinha.

Outro caso semelhante me oferece Dorothy Azner, cuja carreira teve os seus começos num dos departamentos de mecanógrafa da «Paramount». As felções de miss Azner tomaram outro rumo, contudo, e, em vez de se lançar na conquista da fama em frente da câmara, preferiu collocar-se junto dela, dirigindo a realização de películas que lhe proporcionam merecidos êxitos.

Mas voltemos ao tema que serve de princípio a este artigo. No mesmo jornal que me sugere as anteriores considerações, leio esta notícia: Os «estúdios» cingaleses encerram as suas portas à legião dos Wa-was.»

Pertencer a essa associação não equivale, de certo, a possuir qualquer título de glória. Não é um grupo de ex-combatentes; o estranho vocábulo com que se denomina não figura no dicionário nem constitui o anagrama de qualquer entidade prestigiosa. São uma caterva de «extras», de figurantes que, falhos de engenho e de senso artístico, quando a sua intervenção em qualquer conjunto os obriga a dizer alguma coisa, apenas conseguem gaguejar: «Wa, wa...», som com que pretendem produzir o efeito duma série de conversações que só existem na sua reduzida imaginação.

E' esta a negação da Teoria do Ambiente a que já me referi.

Seres infelizes e inúteis que, apesar de passarem meses e anos a trabalhar nos «estúdios», não só nada assimilam como cada vez se distanciam mais da possibilidade que outros aproveitam para quebrar o anonimato em que a sua insignificância os coloca. Pessoas a quem talvez a necessidade arrastou para actividades opostas às suas afecções, que apenas procuram na arte um «modus vivendi», que unicamente tratam de resolver o quotidiano problema económico, sem outras aspirações.

Mas não desaniméis com isso, simpáticas mecanógrafas. Sempre é conveniente conhecer o reverso das coisas e nada significa a sua antipática efígie quando um anelo, uma ilusão se alimentam dentro de vós. Vós que, num recanto do escritório, entre carta e carta, lêdes às escondidas do chefe a biografia de Greta Garbo ou contemplais com arrebatamento um retrato de Gary Cooper, procurai seguir a sua rota sem vos lembrardes nunca dos «wa-was».

O optimismo é tesouro inestimável na juventude e a juventude é sempre quem leva a cabo as mais heróicas façanhas.



UM BOM CONSELHO

Se ainda não requisitou o seu bilhete para a *matinée* que «Cinema» oferece aos seus leitores no próximo dia 28, no «Trindade», não se esqueça de o fazer na segunda-feira, 27 do corrente, no escritório desta casa de espectáculos, das 2 às 6 horas da tarde.

Apresentará dois números de «Cinema», — 20 e 21, ou 22 e 23 — obtendo assim um bilhete que lhe facultará o prazer de ver a Sylvia Sidney em «Ruas da Cidade», e apreciar o incomparável talento de Eisenstein em «Romanza Sentimental.»

Se é leitor assíduo e possui os 4 números, 20 a 23, poderá requisitar dois lugares.

No dia 28 não se satisfazem pedidos.

Joan Marsh, outra loira aplatinada



Robert Young, que aqui vemos numa posição já bastante fóra de moda, está dizendo à deliciosíssima Joan Marsh (quando é que veem fitas de Joan Marsh, ó senhores da «M-G-M»?) aquelas palavras com que sempre terminavam as canções dos filmes americanos da época passada: «...I love you!»

O que sucede às loiras que teem o cabelo côr de platina?... Nada! São raparigas muito interessantes, muito donairosas... Quasi tôdas são bonitas e simpáticas. São inteligentes e práticas, pois sabem tirar o melhor partido da sua formosura. Convidam-se para as festas porque são consideradas boas companheiras de mesa e excelentes bailarinas. Os cinéfilos já estão entusiasmados com elas e pedem quasi de mãos postas um maior número de loiras côr de platina.

Mas casam-se as «platinum blonds»?... Por serem as raparigas mais populares das festas não quiere dizer que sejam as mais indicadas para o casamento. O rapaz solteiro moderno não pôde pensar que uma rapariga bonita, popular e atractiva seja a melhor esposa...

A contestação não pôde ser mais explicita. O cabelo platinado e a pobreza, ainda com amor, não se juntam como os ingredientes de um bom «cocktail», — porque são como a água e o azeite. E é isto o que dirão todos os rapazes quando estão procurando a mulher que hão-de levar ao altar.

Todos os rapazes gostam de levar pelo braço uma mulher formosa, atractiva e sendo possível com o cabelo platinado, do mesmo modo como gostam de andar num novo «roadster»; mas quando chega a hora de pôr um anel de casamento no seu dedo e dar-lhe o seu nome e a sua protecção até que a morte os separe, então é outra história muito diferente...

As raparigas de Hollywood não ligam grande importância a este contratempo. A' primeira «palatinum blonde», Jean Harlow, seguiram-se muitas outras: Joan

Marsh, Carole Lombard, Lilyan Tashman, Mary Carlyle e até a própria Greta Garbo usa uma cabeleira dessa côr na sua nova película «As you desire me» («Como tu desejas»), que actualmente se filma nos estúdios da «M-G-M».

Joan Marsh diz que continuará com cabelo côr de platina até que se canse de fazer películas ou até que se enamore a sério de algum rapaz «anti-platinico», porque se encontra um «pró-platinico» o caso muda de figura!...

Joan Marsh é considerada uma das mais bonitas mulheres de Hollywood, mas se o leitor não acredita nesta verdade, faça favor de examinar detidamente a fotografia que publicamos nesta página.

Que tal?...

Bem bom, não?!...



Nesta semana fazem anos:

De 25 de Junho a 1 de Junho

- | | |
|--------------------------------------|---|
| Junho, 25 — Georgia Hale. | C |
| 25 — William V. Mong. | I |
| 25 — Dr. Arthur Robison, realizador. | N |
| 26 — Birglnia Brown Faire. | E |
| 26 — Mitchell Lewis. | M |
| 26 — Ernest Torrence (54). | A |
| 27 — Alberta Vaughn. | 5 |
| 28 — Viola Dana (34). | |
| 28 — Lois Wilson (36). | |
| 28 — Polly Moran. | |
| 29 — Robert Frazer. | |
| 30 — Madge Bellamy (29). | |

Dentro e Fóra dos Estudios

No novo programa de produção da «M-G-M» para 1932/33 figuram 3 filmes com Joan Crawford e 3 com Norma Shearer.

A «Fox-Film», de França, pensa produzir brevemente 6 filmes em francês, de colaboração com casas francesas.

Raymond Bernard e André Lang estão trabalhando activamente na *decoupage* de «Os Miseráveis». A obra de Victor Hugo sofrerá bastantes illuminações, mas o essencial ficará no cenário. Bernard e Lang contam ter a *découpage* pronta lá para 15 de Julho.

Marion Davies e Robert Montgomery vão trabalhar juntos num próximo filme da «M-G-M», da autoria de Frances Marion, sob a direcção de Edmund Goulding.

Cary Grant, o novo actor da «Paramount», tem um papel importante ao lado de Marlene Dietrich na sua nova fita «Blonde Venus» («Venus Loira»).

Jean Murat em Lisboa

Como a nossa revista anunciou em primeira mão, Jean Murat vem a Portugal. Deve ter chegado ontem a Lisboa, quando já o presente numero se encontrava na máquina, em companhia de varios elementos da "Ufa", entre os quais o veterano fotógrafo Carl Hoffmann, o operador habitual de Lillian Harvey, e Mlle. Monique Rolland. Veem filmar exteriores para o novo fonofilme em francês, da "Ufa", que Kurt Geron dirige, com o titulo "Stupéfiants".

Maurice Tourneur vai dirigir para a «Pathé-Natan» a fita «As duas orfãs», do romance de Adolphe d'Ennery.

Jacques Maury, que vimos em «O Caminho do Paraiso», está interpretando «Quatre Coeurs», sob a direcção de André Hugon, para a «G. F. F. A.».

Na fita «Red-Headed Woman» («A Mulher dos cabelos avermelhados»), que a «M-G-M» está produzindo, a protagonista Jean Harlow usa nada menos de 25 vestidos diferentes todos desenhados por Adrian, o desenhador dos grandes modelos usados nos filmes daquella marca.

René Lefebvre, que ainda há pouco vimos em «A Culpa é do Bibi», está interpretando, com Elvire Popesco, a fita «Sa Meilleure Cliente», para a «Pathé-Natan», sob a direcção de Pièrre Colomblèr.

Francine Mussey, a interprete de «Claudia» e «Lucios Illicitos», para a «Invicta-Filme», está agora em Berlim, filmando para a «Warner Brothers» a versão francesa de «La Foule Hurlè».

As reexibições na Alemanha

Nesta época de verão, os principais cinemas alemães estão efectuando reexibições dos principais sucessos da época passada. Em 17 de Junho, o "Ufa-Pavillon", de Berlim, exhibiu "O Caminho do Paraiso", e o "UT-Kurfuerstendam" reexibiu "A Valsa dos Corações".

Ha dias, nos estúdios da «M-G-M», em Culver City, houve um momento de grande curiosidade, quando Charles Brabin, que está dirigindo Lionel Barrymore em «Washington Whirlpool», entrou com sua esposa, que pretendia assistir a uma importante cena.

E' que a esposa de Charles Brabin é nem mais nem menos do que a célebre Theda Bara, que foi a primeira «vampe» do cinema.

Logo que termine «Un Rêve Blond» («Um sonho dourado»), com Henry Garat, Lillian Harvey interpretará, tambem para a «Ufa», um fonofilme com o actor francês Fernand Gravey.

A conhecida actriz americana May MacAvoy, hoje espôsa de Maurice Cleary, é a mamã dum robusto rapaz, nascido nos primeiros dias de Junho.

Estão na Europa as atrizes Vilma Banky e Alla Nazimova.

Espera-se que Charlie Chaplin regresses a Hollywood em 22 de Julho, devendo começar imediatamente a sua nova fita.

Anita Page faz parte do elenco de «Skyscraper Souls» («Almas de Arranha-Céus»), que a «M-G-M» vai produzir

Novo filme de Sylvia Sidney

Sylvia Sidney vai fazer para a "Paramount" uma fita intitulada "Make Me a Star" ("Faz de mim uma estrêla"). Frederic March será o primeiro actor, com Joan Blondell, Stuart Erwin, ZaSu Pitts e Ben Turpin noutros papeis.

com Warren William, Maureen O'Sullivan, Norman Foster e Jean Hersholt.

John Barrymore e Dolores Costello são os felizes pais dum rapaz, que Dolores deu á luz, no Hospital do Bom Samaritano, de Hollywood.

Gary Cooper vai interpretar com Helen Hayes, para a «Paramount», a fita «Farewell to Arms».

Conrad Nagel assinou um novo contrato de longa duração com a «M-G-M». Nagel tem estado com esta firma, desde ha 10 anos.

Robert Gaillard

Está no Porto o jornalista francês Robert Gaillard, redactor de "L'Ami du Peuple", de Paris, e correspondente do nosso colega "Invicta-Cine" na capital francesa.

Roger Gaillard, que veio passar alguns dias das suas férias em Portugal — ça, c'est gentil — é um jornalista moderno, desempoeirado, que ocupa um lugar marcante da imprensa francesa. Camarada encantador, conquistou logo após a sua chegada ao Porto a simpatia da imprensa cinéfila. Ouvimo-lo enlevados durante uma hora, que não pudemos prolongar, porque outros afazeres imperiosos nos prendiam.

E, ao despedirmo-nos do camarada Gaillard, fizemo-lo pezarosos. Eramos obrigados a deixar um excelente copain.

Hollywood advoga a liberdade da moda

por RACHEL BILAC

“A liberdade de escolha é a nota característica da moda de Hollywood e deve sê-lo também em todas as partes do mundo.»

Esta é a opinião de Gilbert Adrian, do departamento de modas dos estúdios da «Metro-Goldwyn-Mayer». Fomos visitá-lo um dia em seu «atelier» de múltiplos espelhos e encontramos-lo no meio de uma chusma de esboços de trajos para as fascinantes artistas da tēla.

— Entendo, — disse Adrian, — que deve haver liberdade em tudo o que respeita á toilette feminina: côr, traçado e individualidade. As mulheres de Hollywood usam o que lhes agrada, o que querem e como querem. Recusam seguir uma determinada tendencia de estilo em seus trajos. A unica coisa que exigem é conforto e perfeita adaptação ás suas linhas.

«A mulher com gosto para se vestir escolhe roupas consoante o seu gosto pessoal e não conforme o dos outros. Nenhuma mulher pode ser realmente elegante, por mais correcta que seja a linha e o corte de seu vestido, se não se sente perfeitamente á vontade e com inteira liberdade de movimentos.

«Uma das mais fortes partidarias da liberdade de vestir é a fascinante Garbo. As modas segundo as estações não significam coisa alguma para ela. E' completamente indiferente ao que pensam ou dizem a seu respeito. Isto, é claro, no que respeita á sua vida privada. Não obstante, não ha ninguém que com mais cuidado escolha as toilettes que deve usar na tēla do que a «estrēla» sueca. E como nunca toma parte nas reuniões sociais de Hollywood, evitando o mais que pode os boulevards e lugares publicos, não receia que a critiquem pelo seu modo de vestir.

«Todas as mulheres vêm a liberdade de vestir de um modo diferente. Para umas significa viver metidas em pijamas, para outras quiere dizer roupas de desporto, «sweaters», saias não muito compridas e sapatos confortaveis.

O unico limite que pode ou deve ser imposto na liberdade do vestir é o bom gosto. Desde que os vestidos sejam de bom gosto, as elegantes podem satisfazer amplamente os seus gostos no que concerne a côr e originalidade do modelo.

«Não ha nenhuma razão pela qual os pijamas não possam ser aceitos como trajos de passeio, desde que sejam confeccionados com a atenção necessaria. São muito confortaveis e extremamente elegantes.

«Os pijamas devem ser de fantasia ou de corte masculino. Os de fantasia ficam melhor que quaisquer outros á maior parte das mulheres. Dão-lhes distincção e uma agradável illusão de luxo e conforto. Agradam extraordinariamente em «garden parties» e em jantares e chás intimos, tomando o lugar dos trajos de



Com êste calor que tem feito, fica muito bem a publicação desta gravura «frêsca», de Anita Page, a encantadora actriz da «M-G-M».

rígor e outros vestidos de cerimonia. Podem também ser usados com absoluta correccção para visitas.

«Até agora, contudo, poucas mulheres independentes têm usado pijamas em lugares publicos: restaurantes, cafés e teatros. E' que a popularidade dos pijamas encontrou os seus maiores adversarios entre as pessoas que deveriam adoptá-los e aproveitar das suas vantagens — entre as proprias mulheres.

«Ninguém pode sentir-se velha, triste ou incomodada andando em pijama, disse Joan Crawford; que não usa em caso algum outras toilettes.

«Joan usa pijamas de flanela branca para desportos e festas intimas, e até mesmo nos raros dias do frio da California.

«Norma Shearer também adora os pijamas e tem uma grande colecção. Julga que o pijama é a ultima palavra em co-

modidade e liberdade de movlmentos.

«Madge Evans, Dorothy Jordan e muitas outras artistas seguem o exemplo de Joan e são fortes partidarias dos pijamas.

«E mesmo Marie Dressler, a mais respeitavel de todas as «estrēlas», a decana das veteranas da tēla, canta a canção da emancipação feminina em modas. Usa sempre pijamas em sua casa, muito simples e severos.

As jovens de Hollywood trabalham muito e, por isso, as suas horas de descanso são preciosas. Sabem aproveitá-las o mais possivel, para estarem sempre em perfeitas condições físicas.

Assim falou Gilbert Adrian, o mago do departamento de modas da «M-G-M».

C
I
N
E
M
A
7

Uma recém-vinda: Sylvia Sidney

por GENOVA



Como os povos felizes, Sylvia Sidney não tem história; é ela a primeira a confessá-lo com um sorriso enigmático e sedutor que mais acentua o seu tipo oriental. Porque esta americanazinha, que viu a luz do dia em Nova-York, tem as maçãs do rosto salientes, os olhos oblíquos subindo para as fontes, como os dum chinês, de que ela possui, a-pesar da sua juventude, uma certa prudência, o gosto da cultura e uma espécie de desprendimento búdico das coisas materiais.

— Quere dizer, — afirma Sylvia, pensativa —, que não *vivi*, se acaso por viver se entende haver conhecido as alegrias e os desesperos do amor, haver tido aventuras sensacionais, haver sofrido os horrores da extrema pobreza ou nadado no seio da opulência fabulosa. Acrescento que só tenho vinte e um anos, e que, se no teatro, onde me estreei aos quinze, ou no cinema, desempenhei papéis apaixonados de mulher amorosa, esses papéis não tem repercussão na minha vida privada que, no ponto de vista sentimental, é ainda uma página em branco.

Desprende-se qualquer coisa de melancólico, de adorável e também de despropositado da diminuta pessoa de Sylvia Sidney, qualquer coisa de profundo e de moço. Os seus olhos cismadores brilham como estrelas sombrias, parecendo ter o peso dum experiência que o narizinho arregaçado desmente. E o sorriso, que desenha duas côvivas encantadoras, descobre uns dentes curtos de criança. Dir-se-ia uma rapariguinha a querer fazer de pessoa grande e, enquanto contemplava esse belo rosto dourado pelo sol, esses braços morenos, emergindo dum vestido verde, pensava no pouco ou nada que se parece com Clara Bow, cuja vez, diziam, ela ia tomar. Quanto Clara é irreflectida em sua espontaneidade, tanto Sylvia parece ponderada e madura, dum maturidade precoce e desconcertante.

Afirma-me que é pessimista e muito impopular.

Não posso deixar de sorrir e observo que o seu pé bate no chão com impaciência.

— Não se iluda com a significação que eu dou a esta palavra, — diz Sylvia, franzindo as sobrancelhas —. Não é como actriz que eu sou impopular, mas socialmente falando. Póde acreditar que, se me encontro numa reunião, não sei o que hei-de dizer, todos os assuntos de conversação me parecem estúpidos, sinto-me deslocada, infeliz, e só tenho um pensamento: ir-me embora. E, como não gosto de jogar o *bridge*, e me recuso sempre a fazer o «quarto», as donas de casa consideram-me uma inutilidade. E tem razão.

A voz grave e doce de Sylvia calara-se. Olhava-me.

— Mas não julgue que procuro mostrar-me superior. Sou uma solitária. Já na escola, em criança, era impopular entre as minhas camaradas. Não tinha

Sylvia Sidney, a nossa Sylviuzinha, está aqui com três dos principais intérpretes de «Ruas da Cidade», o super-filme da «Paramount» que o «Trindade» reexibirá na terça-feira em «matiné» especial oferecida aos leitores de «Cinema». À esquerda, com Kid (Gary Cooper);



amigas. Era tímida, orgulhosa como o são quasi sempre as tmidas, não sabia adaptar-me ao ambiente nem brincar como as outras pequenas. Vi-as saltar à corda, perguntando a mim-mesma como é que elas podiam fazer sempre o mesmo movimento e sentia uma tristeza enorme por não poder divertir-me como elas. Ainda hoje sinto a impressão desoladora de ser a mulher que não pertence a nenhum grupo, a mulher de nenhuma parte. Sou sempre pessimista, não tenho apaixonado e muitas vezes me lembro de que a morte me deveria ser agradável. Um longo sono sem fim.

Sugeri-lhe que Hollywood e o êxito não tardariam a transformar esses pensamentos tristonhos num otimismo mais em relação com a sua juventude; que não havia o direito de encarar a vida sob um aspecto tão sombrio, quando ela a tinha cumulado de tudo que havia de melhor, etc.

— Julga isso? — perguntou-me com um sorriso oblíquo —. Talvez tenha razão. É certo que, detestando eu as côres vivas e principalmente o vermelho, acabo de comprar um vestido rubro gerânio e um roupão cereja. Será um sintoma? A subtil influencia de Hollywood começa talvez a fazer-se sentir e, inconscientemente, vou escorregar na ladeira e tornar-me como as outras. Tanto melhor, não é verdade? Ficaria encantada se aprendesse a divertir-me. Não se admire, pois, se souber daqui a pouco que vou a todas as festas e que sou das mais entusiastas. Desde que os pacatos tomam o freio nos dentes!... Mas, quanto a apaixonados...

Custava-me a crer que Sylvia não tivesse um. E confessei-lho.

— Não, — afirmou, abanando a cabeça —. Nunca o tive. Quero dizer, tive, mas ha muito. Aos quinze anos, tinha entrado para a escola teatral Guided, que é uma instituição notável para todos que julgam ter vocação para o teatro. No primeiro mês, todo o aluno tem o direito de desempenhar um papel importante numa peça clássica, e, no sábado de manhã, essas peças são desempenhadas diante dum grupo de administradores, composto de sumidades do mundo teatral. Esses senhores ouvem cuidadosamente, notam os pontos fortes e fracos dos alunos e riscam logo aqueles que parecem inaptos para a carreira. Lembro-me de que, de cento e cinco que éramos a princípio, apenas vinte ficaram depois de seis meses de trabalho. Nesse momento, os administradores escolhem uma peça conhecida, que é representada diante do público. «Prunella» foi o nome da obra em que fiz a minha estreia. Foi-me distribuído o primeiro

papel, e eu mal podia acreditar na minha felicidade. Em cada repetição, esperava que qualquer critico severo me remetesse à obscuridade de que, segundo me dizia a minha timidez, nunca deveria ter saído.

Uma risada franca sacudiu a garganta de Sylvia Sidney. Desempenhava comigo um rapaz da minha

«Ruas da Cidade» é um filme que todos nós gostaremos de tornar a vêr. E depois, acompanhada da «Romanza Sentimental»...

Desempenhava comigo um rapaz da minha

idade, ou que deveria ter um ano ou dois a mais. Como é natural, na peça estávamos apaixonados um pelo outro e desempenhávamos os nossos papéis com toda a paixão da juventude, pondo uma intenção em cada gesto, sublinhando cada frase. Era perfeito. Mas o pior foi que, fóra da escola, entendemos dever continuar os nossos papéis, substituindo as frases aprendidas por um lirismo à nossa moda. Certa manhã, apesar das ordens severas da directora, que não brincava com a virtude das suas pupilas, demos ambos um longo passeio a cavalo. Viram-nos; a directora soube-o e eu fui logo despedida. Pois acredite: desde então, fugi dos apaixonados como se tivesse a recear os raios dalgum director intransigente e contento-me com as aventuras que vivo no *écran*. Sabe bem como elas são numerosas!

Nos mares do Sul

Entre o numeroso material embarcado por Douglas Fairbanks no iate «Invader», para as tomadas de vistas de «O Cavaleiro dos Tropicós», filme realizado nos mares do Sul, encontrava-se uma autêntica metralhadora. Não porque Douglas, o homem mais pacífico do mundo, tivesse idéas de carnificina, mas porque certas partes do filme exigiam o emprêgo desta arma mortífera. O certo é, porém, que a metralhadora, destinada apenas a interpretar o seu papel no filme, pres-



tou relevantes serviços a Douglas e a toda a tripulação do «Invader».

Um dia em que o barco percorria os mares, nos arredores de Tahiti, em procura de locais pitorescos para a filmagem, os indígenas precipitaram-se bruscamente no convés, soltando gritos de terror: «Os tubarões!... Os tubarões!...»

Efectivamente, o iate, contornando numa ilha, acabava de entrar em paragens selvagens, infestadas de tubarões enormes, que seguíam o navio, em bandos consideráveis, à espreita da apetecida presa. Para acalmar os seus companheiros, tomados de um indescritível terror, Douglas acestou a metralhadora sobre os tubarões. Um crepitação rápido juntou-se aos gritos de vingança dos indígenas, e os terríveis animais, feridos pelas balas, cessaram a perseguição, enquanto o «Invader» se dirigia para lugares mais hospitaleiros.

Efemérides da semana

De 25 de Junho a 1 de Julho

Junho 26 (1927) — Vilma Banky casa com Rod La Rocque.

27 (1921) — Estreia-se no «Chiado Terrace», de Lisboa, a fita portuguesa «A Velha Gaiteira», com Emília d'Oliveira e Otelo de Carvalho, produção da nova casa «Studio-Films».

28 (1921) — Estrela-se no «Condes» a fita «A Falta de Odette», com Emmy Lyn.

29 (1920) — Aparece pela primeira vez em Portugal a actriz americana Mollie King, que é a protagonista de «A Menina do Sinal» ou «O Mistério da Cruz Dupla», em 9 episódios, que se estreia no «Condes».

Julho 1 (1920) — Estrela-se no «Olimpia» e «Chiado Terrace», de Lisboa, a fita «A Prova de Ferro», em 15 episódios, com Antonio Moreno e Carol Holloway.

De Corpo

Drama de aviação. Produção da «Fox». Realização de Alfred Santell. Apresentada pela Companhia Cinematográfica de Portugal.

Mal Andrews, John Watson e Tap Johnson fazem parte da aviação do R. F. C. durante a guerra mundial. Watson tem a esposa nos Estados Unidos, mas mantém relações com uma rapariga misteriosa de Londres, Pom Pom. Esta envia-lhe um relógio de pulso.

Watson é o escolhido para bombardear um balão alemão, mas diz a Andrews que receia enfrentar a morte sozinho. Nestas circunstâncias, quando o aeroplano levanta vôo, Andrews salta para bordo.

Quando Watson, voando sobre as linhas inimigas, é morto, Andrews toma a direcção. Destroi o balão e aterra por detrás das linhas aliadas. Coloca o camarada morto na carlinga e dirige o aeroplano com o seu defunto piloto para as

...E mais nada?

Um jornal americano salienta as vantagens que um cinema de Milwaukee está oferecendo aos seus frequentadores, em face da crise: Por cinco cents. americanos, duas grandes fitas e respectivos complementos, num só programa, acompanhadas de sandwiches gratuitas...



e Alma

PRINCIPAIS INTERPRETES

Charles Farrell, Elissa Landi, Humphrey Bogart e Mirna Loy

linhas, a fim-de que Watson receba a sua recompensa pela exploração.

Andrews parte para Londres para procurar Pom Pom. Encontra ali uma rapariga que lhe pergunta por Watson. Supondo tratar-se de Pom Pom, dá-lhe o relógio de Watson e algumas cartas fechadas.

Ela e Andrews são invadidos por uma simpatia mútua. Quando essa simpatia se transforma em verdadeiro amor, a suposta Pom Pom é acusada de espionagem e Andrews é detido como cúmplice. Este zomba da acusação, mas a morte de Tap Johnson e a destruição de um carregamento de aeroplanos convencem-no da culpabilidade dela.

Evadindo-se da prisão, vôo para Londres, no intuito de matar Pom Pom. Quando se encontram, o amor vence-o, e Andrews, em vez de a matar, oferece-se para a auxiliar a fugir.

O Major Knowls chega e impede a fuga. Ela revela a sua verdadeira identidade. É Carla, a viúva de Watson. Então Pom Pom é conduzida à sua presença como acusadora e Carla denuncia-a como sendo ela a espia.

Andrews volta para o front, com a promessa de Carla, de que esperará por ele — para sempre se fôr preciso.

Colecção de Sempre

Os leitores que por descuido não tenham ainda adquirido qualquer dos volumes desta Colecção, poderão fazê-lo no «buffet» do «Trindade», no dia 28 do corrente, nos intervalos da nossa «matinée», sem que para isso tenham de preencher qualquer formalidade. Lá encontrarão as três obras publicadas:

Mulher que Passa

O Amor Vence

A Vingança do Moribundo

Mais um importante "bonus" para os leitores de "Cinema"

Ha tempos que alguns leitores nos vinham escrevendo, lamentando não poderem, em virtude dos seus afazeres, aproveitar os descontos facultados por esta revista nas «matinéés» de diversos cinemas. Se nós concedéssemos as mesmas vantagens num espectáculo nocturno, — diziam —, então sim, todos poderiam beneficiar delas. E nós pensávamos que de facto assim era. Mas tal concessão, justamente por sêr bôa, parecia-nos difícil de obter. Entretanto, não deixamos de envidar os necessários esforços, dirigindo as nossas vistas para a Ex.^{ma} Empresa do «Batalha», que sempre nos tem distinguido com uma simpatia cativante. E a prova de que mais uma vez fomos bem acolhidos encontra-se no facto de já no presente número a nossa senha de «bonus» compreender o desconto de 50 % no espectáculo de sábado, 2 de Julho. Ficam, pois, temporariamente satisfeitos os desejos de todos os leitores, graças à gentileza da Ex.^{ma} Empresa do «Batalha», para a qual vão os nossos mais sinceros agradecimentos.

BATALHAS NAVAIS!...

UM CONCURSO QUE PODE SER UM NEGOCIO

Inicia hoje o mais humorístico dos jornais portugueses

“PIROLITO”

Todos os sábados, por 1 escudo

1.000 ESCUDOS

A vida de Peggy Shannon

Para começar posso dizer-lhes que a nova «estrêla» de cabelos fulvos da «Paramount», a endiabrada Peggy Shannon, pensa que a correspondência que recebe dos espectadores cinematográficos é a única coisa agradável de uma carreira cinematográfica.

Tive a sorte de a entrevistar, como vocês já perceberam. Mas quando a vi logo compreendi que as coisas se iam apresentar um pouco difíceis para a minha missão. A rapariga estava fatigada, eu fiquei a saber que é muito difícil tratar com uma mulher de cabelos de fogo quando não está bem disposta.

Acolheu-me com cordialidade, mas não com efusão.

— O que é que o seu público deseja saber? — perguntou-me com indiferença.

— O nosso público, recordei modestamente.

— Quería que me dissesse o que pensa da sua nova vida...

Se está muito entusiasmada...

Miss Shannon olhou-me de tal modo que fiquei mais gelado que um sorvete...

— Supõe que devo estar satisfeita? — foi a resposta, ao mesmo tempo que me apontou a porta do seu camarim para que pudessemos falar mais à vontade.

Uma vez sentado senti-me mais tranquilo e prossegui o meu interrogatório. Mas o que pode fazer um jornalista com uma rapariga destas?...

Peggy Shannon é certamente um tipo novo na ordem cinematográfica. Com mais talento que beleza e demasiada habilidade para procurar ser fascinante, o seu nome ha-de brilhar seguramente muito em breve.

Para pôr as coisas a claro devo afirmar que Peggy nunca quis ser a sucessora de Clara Bow. Quando lhe deram o papel desta em «The Secret Clia», os empregados do departamento de publicidade procuraram fazer chegar aos quatro ventos a notícia de que Clara Bow tinha uma digna sucessora em Peggy Shannon.

Peggy desgostou-se enormemente, mas de nada lhe serviu porque os agentes publicitários faziam a sua propaganda como «a segunda Clara Bow». Isto pareceu a Peggy de muito pouco gosto, porque justamente naquela época Clara encontrava-se enferma.

Peggy tem vinte e dois anos e nasceu em Pine Bluff, no Arkansas. Os seus pais eram pessoas que amavam a Deus sobre todas as coisas, gosavam muito mais ficando em casa do que indo a qualquer parte, pagavam com religiosidade exagerada tudo o que adquiriam e cuidaram muitíssimo da educação dos filhos.

Peggy foi sempre uma boa rapariga.

A sua infância foi muito feliz, e por isto nunca escreveu poesias e não sonhou ser actriz de excepcional talento...

«O meu sonho — afirma Peggy — limitava-se a encontrar um homem tão bom como o meu pai e ser tão boa esposa e mãe como a minha... A minha ilusão maternal limitava-se a ter cinco filhas muito bonitas, às quais vestiria sempre vestidos de organdi rosa.»

Mas sucedeu que em certo dia a encantadora Madge Evans se apresentou em Pine Bluff. Estava efectuando um passeio pelo Oeste anunciando os chapéus que levavam o seu nome. Madge era muito conhecida no mundo cinematográfico e era considerada como a melhor actriz da sua idade aqueles tempos.

«Eu nunca tinha visto uma criatura tão formosa nem escutado voz tão harmoniosa e agradável — diz Peggy. Não me lembro como, mas sei que logrei

visse as famosas belezas que lá actuavam.

Sucedeu que um jornalista viu Peggy no teatro ao lado do famoso Siegfeld e no dia seguinte todos os diários da cidade publicaram a seguinte notícia:

«Siegfeld acaba de contratar uma famosíssima rapariga de Arkansas.»

— «Mas eu não sabia bailar, contou-me Peggy a rir-se, mas Siegfeld insistiu em levar a graça até fim, já que nos tinham feito tanta publicidade gratuita e seis semanas depois viram-me convertida num membro das famosas Follies.»

Dali passou Peggy às «Variedades», de Earl Carroll, onde aprendeu bastantes coisas da vida. Um número exorbitante de rapazes ricos enviavam-lhe orquídeas, e vários rapazes menos ricos, mas mais simpáticos e generosos, enviavam-lhe rosas. E Peggy em recompensa casou-se com um deles: Alan Davis.

Peggy e Alan, que também é actor, trabalharam juntos e separados durante algum tempo (há dois anos que estão casados) e um belo dia um director da «Paramount» ofereceu à linda rapariga de fulva cabeleira um contrato cinematográfico em tão boas condições que Peggy aceitou imediatamente.

Mas Peggy não é inteliramente feliz, porque o seu marido ainda não encontrou trabalho nos estúdios — e um marido sem emprego não deixa de ser um problema bocado em terras de Hollywood...

Peggy sonha em voltar ao teatro, se bem que não deixe de compreender que em Hollywood pode ganhar muito mais dinheiro. Mas não é esse o seu único sonho: Peggy Shannon sonha ainda com as suas cinco filhas, loiras, bonitas e boazinhas, muito parecidas com a sua grande amiga Madge Evans e que andariam sempre vestidas com lindos vestidos de organdi cor de rosa.

EDWARD NAGLE.



Pelo visto, Peggy Shannon gosta muito de se fotografar travestida de «jockey». Aqui está um dos seus mais recentes retratos. Os sapatos é que não estão muito de acordo com o resto da indumentária!...

conhecê-la e desde aquele dia determinei que as minhas cinco filhas deviam ser cópias fiéis de Madge Evans... Tí-nhamos aproximadamente a mesma idade, mas não tivemos grandes relações porque Madge se foi embora poucos dias depois; uma simpatia apenas nos ligava. Agora que ambas estamos em Hollywood lutando pelo mesmo fim voltamos a encontrar e somos as melhores amigas do mundo.»

Quando Peggy terminou a escola superior, sua mãe levou-a para Nova York. O secretário particular de Florenz Siegfeld vivia no andar imediato e um dia levou a rapariga ao teatro para que

Correspondência

Mais uma vez, fica adiada a «Correspondência». Mas agora, e pela primeira vez, a culpa não é dos tipógrafos. É minha, só minha.

É que hoje é véspera de «S. João», e eu não posso resistir a dar uma passeata pelas Fontainhas. Desculpa-me, caros leitores. Juntarei a «Correspondência» deste número com a do número seguinte. Agora vou ao pão quente. «Al-ló», «al-ló»...

EU SEI TUDO.

Pelos nossos Cinemas

A CULPA É DO BIBI (Monsieur, Madame et Bibi): — Aqui está uma produção 100 % francesa e 100 % boa. Caso raro, caso único nesta temporada em que os filmes franceses que tem sido apresentados com valores reais, nos veem da Alemanha, ou, então, são feitos em França com grande colaboração alemã. «A Culpa é do Bibi», que de estrangeiro tem apenas Max Neufeld co-participando da realização, pode considerar-se um filme 100 % francês. E devem estar contentes, os senhores da «Pathé-Natan»...

«A Culpa é do Bibi» é o título feliz



duma comédia quasi vodevilhe, uma obra engraçadíssima, cheia de espírito, se não na essência do tratamento cinematográfico, pelo menos, e em boa dose, nas situações que formam as mais agradáveis seqüências, esmaltadas por bem regulado diálogo, mais espirituoso ainda.

Jean Boyer (suponho que se trata do autor das canções da maior parte das versões francesas dos filmes da «Ufa») e Max Neufeld estão de parabens. Foram observadores inteligentes, cuidadosos, realizadores esmerados. Há quadros cheios de ironia — e da melhor — situações de naturalíssima graça. A idéia que o milionário yankee fazia de Viena, que ele conhecia através dos filmes americanos, é uma charge magnífica a «O Tenente Sedutor», ou, melhor, à maneira como os americanos veem as cidades europeias. A coincidência de «Madame» levar o «Bibi» ao cinema, numa ocasião em que se passa um «Pathé-Jornal» mostrando o bando dos cães, a que se segue um filme de «Rin-Tin-Tin», parece-nos como cena cheia de sutileza; e o diálogo em casa de Bauman, entre este, ao telefone, e Mr. Brown, no canapé, é puro Lubitsch, é da mais espirituosa idealização. E tudo assim, em cenas encantadoras, que deslizam suavemente, em continuidade natural, em graça que se prolonga de uns quadros a outros, de umas a outras seqüências.

Juntando-se ao valor do cenário e da realização, a interpretação, confiada a quatro artistas que são dos melhores do cinema francês, completa esta excelente fita. René Lefebvre confirma as suas qualidades de magnífico actor cómico, que «O Caminho do Paraíso» e «O Milhão» já nos demonstraram, agora, porém, com mais oportunidades, que é

aproveita como grande artista. Jean Dax, veterano actor do cinema francês, foi um sobrio e correcto Mr. Brown. Marie Glory, linda, de magnífica plástica, não teve grande ocasião para sobressair mas foi muito bem no que o seu papel lhe permitiu. Odette Florelle roubou a primeira figura feminina, já porque tem muito talento, já porque a sua personalidade, mais nuançada, mais saliente, lhe permitiu destacar-se.

«A Culpa é do Bibi» é um bom filme, extremamente recomendável.

Realizadores: Jean Boyer e Max Neufeld. Autor musical: Paul Abraham. Intérpretes: O marido, René Lefebvre; a esposa, Marie Glory; a secretária, Odette Florelle; Mr. Brown, Jean Dax; a criada, Suzanne Prévaille.

Produzida em 1932 pela «Pathé-Natan». Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Lda. Estreada no «Águia d'Ouro» em 13 Junho 1932.

TABÚ (Tabú): — F. W. Murnau, um dos grandes realizadores alemães, morto prematuramente quando tanto havia ainda de esperar das suas qualidades de cineasta, tão grandemente demonstradas em «Fausto», «O Último dos Homens», «Aurora», etc., quis, ao fazer



«Tabú», de colaboração com Robert Flaherty, enveredar por um caminho diverso daquele que tinha pisado até então, para demonstrar a versatilidade do seu talento, a extensão das suas possibilidades.

E conseguiu-o, sem dificuldade. Não sei até que ponto foi a colaboração de Flaherty, já experimentado em películas de tal género; qualquer que fosse, ha que repartir entre ambos os elogios que a execução de «Tabú» amplamente merece. Mais, por eles e por Floyd Crosby, que fotografou tam primoroso trabalho filmico.

De história singela, mas absolutamente humana, sem peripécias de complicada efabulação, antes numa seqüência harmoniosa de situações naturais, ligadas por ligeira e necessária *mise-en-scène*; «Tabú», que enfileira ao lado de «Nanouk», de «Sombras Brancas», de «Moana» e de «O Pagão», pode ser considerado um dos grandes filmes de ensinamento, cosmorama encantador que os olhos, espreado-se nos seus quadros de

maravilha, não se cansam nunca de admirar.

Realizadores: F. W. Murnau e Robert Flaherty. Fotógrafo: Floyd Crosby. Intérpretes: Eta, Rery; Ele, Matahi; O sacerdote, Hitu.

Produzida em 1929 pela «Paramount». Programa «Paramount Films S. A.». Estreada no «Trindade» em 14 Junho 1932.

ATLANTIDA (Atlantide): — Desde «A Rua Sem Sol» que eu tenho um *béguin* por G. W. Pabst, mais arreigado ainda com «Crise», «A Tragédia da Mina» e, principalmente, com «Quatro de Infanteria».

Dominador de imagens, que éle sabe transmitir-nos com um sentido próprio, dos que mais amplamente sabem utilizar as possibilidades da objectiva, como perseguidora de almas, Pabst sempre tem dado em cada um dos seus filmes uma obra firme, compacta, positiva, sempre se tem colocado por cima de todas as conveniências comerciais, com a finalidade única de fazer bom cinema, estudando os povos, pondo em relêvo os seus defeitos, profundando a sociedade, chicoteando as suas convenções, caricaturando a organização, sempre com uma idéa, que as suas imagens desvendam obstinadamente, vitoriosamente.

«Atlantida», porém, diverge do caminho, — bem lisongeiro, aliás, para o seu talento de Mestre — traçado até agora. E se me preguntarem se eu, crítico, cinéfilo dedicado, gostei de «Atlantida», fico indeciso na minha opinião. Para ser sincero, tenho que responder: «Sim e não». Da mesma forma o responderão os críticos imparciais, isentos de quaisquer influências, que saibam colocar-se fóra da pressão que o nome de Pabst, dos maiores da realização filmica, possa exercer sobre eles.

A meu ver, a obra de Pierre Benoit (que eu não li ainda, mas que vi transporta para o cinema silencioso, ha cerca de 10 anos, por Jacques Feyder), não estava indicada para uma boa fita *si-gnée* Pabst, um filme que continuasse a carreira gloriosa, até mesmo humanitária, social, do grande realizador germânico. Poderia, sim, resultar um bom filme comercial — e talvez fossem essas as intenções de Pabst. Se o foram, Pabst falhou, porque foi traído pela sua Arte.

«Atlantida» é uma obra com argumento, com história, com cenário, as suas personagens, invulgares, exquísitas, possuem caracteres vincados, que o filme nos não apresenta. Os seus quadros principais, a personalidade das suas figuras, são simplesmente esboçados, mal definidos, de tal modo que o espectador que não tenha lido o livro ou visto a fita de Feyder, não pode compreender bem o filme de Pabst. O amor de Saint-Avit por Antinea surge imprevisto, como imprevista é a paixão de Antinea por Morhange. E inacreditável se apresenta aos olhos de todo o público, de toda a gente, a recusa de Morhange perante a humilhação — também mal demonstrada — daquela mulher bela, forte, dominadora, desejada por todos, essa Antinea, rainha de Atlantida, recusa que a grande amizade por Saint-Avit, de quem a separaram à força, não justifica.

É a mútua procura dos dois amigos perdidos durante tanto tempo naquele labirinto, nos corredores intermináveis e confusos da residência de Antinéa, para se encontrarem logo após que Antinéa ordena a Saint-Avit — «*tue Morhange*» toma aspectos de jôgo de *cache-cache*, faz pensar nos casos dos antigos filmes de aventuras...

Nessa indecisão, na apresentação de caracteres e de situações mal desenhados,



apenas levemente esfuminhados, de tal fôrma que toda a acção resulta imprecisa e confusa, está o grande defeito da realização de Pabst.

Onde êle foi Mestre, onde êle se mostrou o Pabst de sempre, foi na composição plástica das imagens, na beleza pictórica de todos os quadros — como as vistas do deserto, com toda a sua grandiosidade e a sua imponência; na inteligente montagem, com achado do melhor cinema — e que feliz aliança fono-visual na passagem sobre o deserto do aeroplano cujo ronfilar do motor se prolonga e se funde com o ruído da ventoinha que gira à cabeceira do leito de Saint Davis: na criação extraordinária que êle soube obter de Brigitte Helm na estranha personagem de Antinéa — compondo uma figura de inegalável beleza, fria, estática, mas majestosa nas suas atitudes, provocante na sobriedade dos seus gestos, atingindo, logo de início, na partida de xadrez, um dos melhores quadros do filme, em que Brigitte Helm se eleva mais ainda na sua cotação artística, em que Pabst impõe o seu gosto e a sua Arte.

Da restante interpretação, Kokoloff destaca-se, ligeiramente caricatural, no papel ingrato de Hetman. Piérre Blanchar confirma as suas qualidades de grande actor, mas nada lhes acrescentou. Jean Angelo não pode evidenciar-se no Capitão Morhange, tam apagada se apresenta esta personagem no cenário da nova versão de «Atlantida». Odette Florelle, que em cada nova interpretação conquista, mercidamente, as simpatias do público, tem na seqüência do *French cancan* momentos de relêvo. Tela-Tchai não fez esquecer Maria Lohse Iribe.

«Atlantida», tal como G. W. Pabst no-la acaba de apresentar, é, em minha opinião de crítico independente, uma série de quadros de grande beleza, que um bom cinéfilo não deve deixar de vêr.

Autor: Pierre Benoit. Cenaristas: Alexandre Arnoux, J. Deval e Ladislau Vajda. Fotógrafos: Eugene Schufftan e J. Barth. Autor musical: W. Zeller. Realizador: G. W. Pabst. Intérpretes: Antinéa, Brigitte Helm; Tenente Saint-Avit, Piérre Blanchar; Capitão Morhange, Jean Angelo; Hetman, Sokoloff; Tanit-Zarga, Tela-

Tchai; Clémentine, Odette Florelle; Torstenson, M. Wiemann.

Produzida em 1932 pela «NERO-SIC». Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltd. Estreada no «São João» em 18 Junho 1932.

NO ALEGRE MADRID (In Gay Madrid) — Robert Z. Leonard é, na América, considerado por um excelente realizador. Eu acho-o simplesmente razoável. Norma Shearer deve-lhe uma grande parte do seu êxito em «A Divorciada». Da mesma fôrma Marion Davies em «O Pal Celibatário». Mas se eu não conhecesse os trabalhos anteriores, no silencioso e no sonoro, do ex-marido de Mae Murray, os quais, repito, lhe dão, a meu vêr, categoria de um realizador digno de apreço — sem, merecer, no entanto, ser colocado nas primeiras filas dos animadores fílmicos — se «No Alegre Madrid» fosse o primeiro trabalho que eu visse Bob Leonard, diria que êle era o peor realizador do mundo.

A história, baseada em «A Casa de



Troia», de A. Peres Lugin, não tem grande interesse cinegráfico, a despeito de ter Bess Meredith como um dos cenaristas. Será uma bela obra literária, mas banalíssima nos seus motivos, nas suas pércelas básicas, tudo agravado com uma direcção de cinema de ha 15 anos, com uma condução teatral, cheia de diálogos, de conversas intermináveis que as legendas, pouquíssimas, aliás, não conseguem traduzir.

A interpretação é o melhor do filme. Ramon Novarro defende-se como pôde dum papel que um mau cenário e uma deficiente direcção não recortaram convenientemente. Dorothy Jordan, que vi pela primeira vez, tem qualidades, que podem ser melhor aproveitadas. A sua tirada final, após o duelo, classifica-a. Wm. Mong, Claud King e Beryl Mercer são os nomes mais conhecidos num conjunto uniforme, apreciável.

O público, no dia da estreia, esboçou pateada, com o que não posso concordar. A pateada de nada serve no cinema. Os artistas não se melindram, não podem corrigir-se; tampouco podem fazer-se

compreender, se o diálogo é em língua que o espectador desconhece. Se o público pateia para manifestar o seu desgosto à empresa exhibidora, tem uma maneira muito mais prática, mais limpa e mais dolorosa para os empresários: vai-se embora antes de acabar o filme.

Autor: Alejandro Perez Lugin. Cenaristas: Bess Meredith Salisbury Field. Realizador: Robert Z. Leonard. Intérpretes: Ricardo, Ramon Novarro; Carmina, Dorothy Jordan; A cantora, Lottice Howell; Marqués de Castelar, Claude King; Dona Generosa, Eugénie Bessier; Rivas, William V. Mong; Dona Concha, Beryl Mercer; Ernesto, David Scott; Octavio, Herbert Clark.

Produzida em 1929/30, pela «Metro-Goldwyn-Mayer Films». Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda». Estreada no «Águia d'Ouro» em 20 Junho 1932.

OS CAVALEIROS DA MONTANHA (Les Chevaliers de la Montagne) — A fotogenia da neve tem sido aproveitada largamente, em várias produções, o que não impede que cada uma das novas fitas do género seja recebida com agrado, porque a vista gosta sempre de deliciar-se nos encantos das albinifentes paisagens.

«Os Cavaleiros da Montanha», como «Prisioneiros da Montanha», como «A Montanha Sagrada», possui uma história, um argumento que serve apenas de motivo à apresentação das cenas que decorrem nas regiões nevadas — e aqul reside toda a beleza do filme, que é postsincronizado e que tem como principais intérpretes a linda Marie Glory, Jim Gérald, Pierre Magnier e Luiz Trenker, que deve ser um guia de verdade, já nosso conhecido dos filmes do dr. Arnold Fanck.

Mario Bonnard dirigiu hábilmente, dando-nos quadros de extraordinária beleza e de requintado gosto, dos quais a expedição nocturna em busca de Milhacs é de surpreendente efeito.

Se o entrecho é convencional, a interpretação é correcta. Mas só os exteriores, em toda a sua majestade e imponência, são mais que suficientes para que «Os



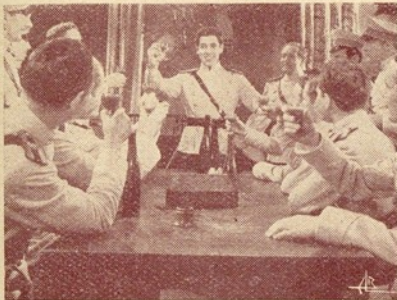
Cavaleiros da Montanha» seja uma fita que satisfaça a muitos espectadores, sobretudo aos que sabem apreciar filmes deste género.

Realizador: Mario Bonnard. Intérpretes: Mary, Marie Glory; Charlier, Luiz Trenker; Milhacs, Jim Gérald; O pai de Mary, Pierre Magnier; Outros intérpretes: Yvette Beschoff, Michel Newlinsky, Jacques Henley.

Produzida em 1930 por M. Vandal, C. Delac e J. De Merly. Programa Agência Cineamatográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «Olimpia» em 20 Junho 1932.

UM PRÍNCIPE QUE NUNCA AMOU (H. y que casar el Príncipe): — Tenho que fazer uma confissão: não sei quem é o senhor Lou Sellaer, que dirigiu esta fita. Seja quem fôr, não se saiu muito mal.

E' certo que a película carece um pouco de tratamento filmico; mas, ao menos, Lou Sellaer não se demorou em quadros estáticos, em que os personagens tagarelem extensamente. Deu certo movimento ao filme, não consentiu que os diálogos, se prolongassem em demasia, e encontrou sempre no cenário uma peripécia sentimental ou cómica a salien-



tar, quando a acção começava a *solidificar-se*...

O argumento (que ha anos foi filmado em silencioso, com Virginia Valli e George O'Brien), não é novo, e, com lições variantes, tem sido abordado várias vezes no cinema. Mas não deixa de ter certo interesse a história daquele príncipe simpático que, mais que ao coração das mulheres, se dedicava aos automóveis de corrida, e que acaba por se apaixonar por uma *gigolette* vinda expressamente de Paris, para lhe ministrar os segredos do amor...

José Mojica faz o protagonista, sem dificuldade. Um papel adequado, que põe em relêvo as suas aproveitáveis qualidades de actor, que tem sido, até agora, preteridas ás suas qualidades de cantor. Conchita Montenegro — bastante feinha para conquistar a tal ponto o coração do príncipe — é uma actriz de valor; diz muito bem e sabe conduzir-se diante da objectiva. Miguel Liger merece uma referência especial. Foi um excelente cómico, no americano Tomson.

«Um Príncipe que nunca amou», se não satisfaz o cinéfilo puro, agrada à generalidade do público. Sobretudo José Mojica, que está sendo um ídolo das plateias, tem nesta fita a sua melhor interpretação.

À saída, duas cinéfilas, de boina sobre a orelha, conversavam: «Que linda voz que tem o Mojica!» E a outra: «E o sorriso, menina, que lindo! Reparaste?»

Autor: Harry Carr. Realizador: Lou Sellaer. Intérpretes: *Príncipe Alexis*, José Mojica; *Ivet-*

te, Conchita Montenegro; *Tomson*, Miguel Liger; *Gran Duque*, Manuel Arbo; *Príncipe Boris*, José Alcantara.

Produzida em 1931 pela «Fox». Programa Companhia Cinematográfica de Portugal, Secção «Fox», Estreada no «Trindade» em 21 Junho 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

**Incontestavelmente o
melhor receptor é o**

M E N D E

Sonora—Radio

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

BATALHA
(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

ULTIMAS EXIBIÇÕES

DE

LUZES DA CIDADE

A obra-prima de CHARLIE CHAPLIN (Charlot)
que está despedindo-se do publico do Porto

TERÇA-FEIRA

UM GRANDIOSO PROGRAMA

PREÇOS POPULARES
A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 23

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 30/6 e 2 de Julho

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 30/6 e 2 de Julho

BATALHA — Matinée de Quinta, 30/6 e Soirée de Sabado, 2 de Jul.

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 2 de Julho

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

C
I
N
E
M
A
15



CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

apresenta na próxima segunda-feira

no

Cinema Águia d'Ouro

um dos grandes êxitos da temporada

ANJOS DO INFERNO

com

Jean Harlow, Ben Lyon e James Hall



**Uma super-produção
da "United-Artists"**